

ESPECIAL: FELICIDADE/SOFRIMENTO



TRABALHO E CINEMA

No cinema, o trabalho é freqüentemente associado a dor e sofrimento. A razão é que parece impossível conciliar felicidade com um trabalho asfixiante e desprovido de significado

POR MARTIN JAYO

Em 2003, o dalai-lama, chefe espiritual do budismo tibetano, publicou, em parceria com um psiquiatra americano, um livro chamado *A arte de ser feliz no trabalho*. Traduzida para várias línguas, a obra desde então se tornou um *best-seller* internacional nas prateleiras de auto-ajuda.

ARTE E CINEMA. Esse fato sugere pelo menos duas reflexões, que serão úteis para iniciar este artigo. A primeira é sobre o próprio título da obra: a felicidade no trabalho é entendida como sendo uma arte. Arte, evidentemente, em um sentido específico da palavra: um conjunto de técnicas ou preceitos que precisamos aprender para termos sucesso na execução de alguma coisa. A arte de cozinhar, a de envelhecer bem, a de contar piadas e a de criar os filhos seriam, nesse uso, comparáveis à de ser feliz no trabalho.

A segunda reflexão deriva da autoria do livro: a felicidade no trabalho não só é uma arte, mas é uma arte em que somos particularmente incompetentes. Do contrário, por que razão

alguém da estatura do dalai-lama, personalidade política de projeção mundial, ganhador de um Prêmio Nobel por seus esforços em prol da harmonia e da paz mundiais, se disporia a ocupar o seu tempo escrevendo um livro com o único propósito de ensiná-la?

O cinema também é uma arte. Não apenas no sentido mencionado acima (afinal, fazer cinema exige o domínio de um conjunto de técnicas), mas também em outro: a capacidade do ser humano de transmitir idéias e expressar sentimentos por meio de um efeito estético, a partir da manipulação de elementos como materiais, palavras, imagens e sons. Entendida dessa forma, a arte muito freqüentemente acaba sendo um veículo de manifestação das visões e preocupações da sociedade sobre assuntos que a afligem. O mundo do trabalho é um desses temas, e o cinema é uma das formas de arte em que ele mais aparece representado. Inúmeros filmes, nos mais de 100 anos de história da arte cinematográfica, têm representado o nosso mau desempenho na difícil arte de ser feliz no trabalho.

IRMÃOS LUMIÈRE. O mundo do trabalho vem sendo retratado nas telas desde o próprio nascimento do cinema. Em 22 de março de 1895, em Paris, os irmãos Auguste e Louis Lumière faziam pela primeira vez na história uma exibição pública de imagens em movimento. Dez pequenos filmes foram exibidos na ocasião, e o primeiro deles intitulava-se *A saída dos operários da Fábrica Lumière* (*La sortie des ouvriers de l'Usine Lumière*).

Esse filme, o primeiro a ser exibido na história, pode ser visto hoje na Internet (<http://www.youtube.com/watch?v=OYpKZx090UE>). As imagens mostram exatamente aquilo que seu título anuncia. Uma câmera, posicionada pelos irmãos Lumière às portas da indústria da sua família em Lyon, havia registrado a saída de algumas dezenas de funcionários ao final de um dia de trabalho. Apesar da curta duração (apenas 46 segundos), as imagens nos permitem ter uma idéia relativamente clara do estado de espírito daqueles trabalhadores ao final de uma jor-

nada de trabalho: após atravessarem o portão da fábrica numa massa única, os trabalhadores imediatamente se dispersam e tomam individualmente, e sem trocar palavras, o rumo de casa.

A imensa maioria caminha com o olhar fixo no chão, como se evitassem dirigi-lo aos colegas. E todos, sem exceção, possuem um semblante sério, até mesmo carregado. Até onde a nitidez das imagens permite ver, pode-se dizer que esses homens e mulheres de 1895 aparentam cansaço, melancolia e resignação. Mas certamente não é possível identificar, nesse primeiro registro cinematográfico do mundo do trabalho, nenhum indício ou sugestão, ainda que remotos, de felicidade no trabalho.

TEMPOS MODERNOS. Quatro décadas depois da invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, a linguagem do cinema já se encontra bem mais desenvolvida, e Charles Chaplin está no auge da sua produção. *Tempos modernos* (*Modern Times*, 1936), seu último filme mudo e um dos mais conhecidos pelo grande público, é considerado um marco na história do cinema.

Embora cômico, o filme faz uma pesadíssima crítica à vida urbana nos Estados Unidos durante dos anos 1930, satirizando a sociedade industrial e a organização fordista da produção. Carlitos, o personagem clássico de Chaplin, consegue um emprego numa grande fábrica, mas sua experiência acaba revelando as condições subumanas de trabalho nas linhas de montagem. Tratado como objeto, reduzido a mera peça de engrenagem e massacrado por um ritmo de trabalho mecanicista que despreza a individualidade, Carlitos é vítima de estresse e acaba enlouquecendo, o que o obriga a passar uma temporada numa clínica de reabilitação.

Inúmeros filmes, nos mais de 100 anos de história da arte cinematográfica, têm representado o nosso mau desempenho na difícil arte de ser feliz no trabalho

Como se não bastasse, ao se recuperar e tentar voltar ao trabalho, o herói passa a ser perseguido pelo fantasma do desemprego, em meio à Grande Depressão. Depois de uma série de peripécias, Carlitos passa um tempo na prisão. No momento em que será solto, pede ao delegado para permanecer na cadeia. Sente-se mais livre e feliz ali dentro do que no mundo do trabalho.

CINEMA EUROPEU. Constantin Costa-Gavras é um veterano cineasta francês, na ativa desde os anos 1960. *Thriller* à francesa, *O corte* (*Le coupéret*, 2005) é um dos seus filmes mais recentes. Trata-se da história de Bruno D. (Jorge García), executivo de uma indústria de papel que de uma hora para outra se vê desempregado e passa a usar de artifícios extremos e pouco convencionais para voltar ao mercado.

O motor do enredo é a incapacidade de Bruno de viver fora da lógica do mundo corporativo, em que a única forma possível de realização é a profissional, ainda que à custa de grandes sacrifícios éticos e muito sofrimento pessoal. Temática semelhante é abordada por vários outros filmes europeus recentes, como o francês *A agenda* (*L'emploi du temps*, Laurent Cante, 2001) e a co-produção hispano-argentina *O que você faria* (*El método Grönholm*, Marcelo Piñeiro, 2005).

HOLLYWOOD. São inúmeras as produções americanas que retratam o tema da felicidade e sofrimento no trabalho, e não seria possível comentá-las uma a uma neste espaço. Um dos filmes mais emblemáticos sobre o tema, no entanto, é a

comédia dramática *O diabo veste Prada* (*The Devil Wears Prada*, David Frankel, 2006). Andy Sachs (Anne Hathaway) é uma jornalista recém-formada e interiorana, que se muda para Nova York à procura de emprego. Consegue ser admitida numa badalada revista de moda, onde será alvo de piadas dos colegas, ao mesmo tempo em que é vítima dos abusos de sua chefe, a editora Miranda Priestly (Meryl Streep).

Com o tempo, Andy aprende a sobreviver nesse ambiente hostil e tem a chance de iniciar uma carreira promissora. Rapidamente ela percebe, no entanto, que essa carreira significará abdicar de sua felicidade pessoal, que está nos prazeres simples da vida. Interessante notar como, em *O diabo veste Prada*, o sucesso profissional ocorre necessariamente à custa de sofrimento e infelicidade pessoal. A começar pela déspota Miranda Priestly, todos os personagens bem inseridos no mundo do trabalho têm vida pessoal vazia ou infeliz.

Sem exceção, os exemplos de filmes comentados aqui refletem nossa incapacidade, ou dificuldade, de ser felizes no trabalho. É claro que a amostra está longe de ser exaustiva, e poderia ter incluído uma infinidade de outros filmes. Por mais títulos que acrescentássemos, no entanto, o resultado seria o mesmo que vimos aqui. Com raríssimas exceções – e talvez a mais recente seja a comédia romântica adocicada *Sem reservas* (*No Reservations*, Scott Hicks, 2007) –, os filmes retratam nosso sofrimento, e não nossa felicidade, no mundo do trabalho. Em outras palavras, a arte do cinema retrata o quanto é pobre nosso desempenho na arte de que fala o dalai-lama. ✕